

INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEOLOGIA DE PAUL TILLICH

Fernando Albano¹

RESUMO

Este artigo pretende servir de introdução aos conceitos fundamentais da teologia de Paul Tillich (1886-1965), um dos mais expressivos e complexos teólogos do século 20. Sua teologia de caráter interdisciplinar, filosófica e com ênfase pneumatológica, impactou a América do Norte durante décadas e, ainda hoje, se mostra relevante, tanto nos Estados Unidos da América, quanto no contexto latino-americano. Diante disto, pretende-se discorrer sobre sua compreensão de filosofia e religião, seu método de correlação e a interface de razão e revelação. Este texto parte do pressuposto de que essas categorias teológicas de Tillich podem contribuir para a teologia pentecostal na superação de suas limitações teológicas e hermenêuticas.

Palavras-chave: Conceitos fundamentais; teologia; filosofia; Paul Tillich; método da correlação.

ABSTRACT

This article intends to serve as introduction to the fundamental concepts of the theology of Paul Tillich (1886-1965), one of the most expressive and complex theologians of the 20th century. His theology of interdisciplinary character, philosophical and with pneumatological emphasis, impacted North America during

¹ Licenciado em Ensino Religioso (UNIVILLE/SC), Mestre em Teologia (EST/RS), doutorando em Teologia na mesma instituição; bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-americana. Coordenador da Azusa: revista de estudos pentecostais/Faculdade Refidim (JlIe/SC) e Professor de Teologia na Faculdade Refidim (SC). Contato: fernando@ceeduc.edu.br

decades and, still today, shows itself relevant, as much in the United States of America, as in the Latin-American context. Facing this, the intent is to discourse on his comprehension of philosophy and religion, his correlation method and the interface between reason and revelation. This text parts from the presupposition that these theological categories from Paul Tillich can contribute to the Pentecostal theology in its overcoming of its theological and hermeneutical limitations.

Keywords: Fundamental concepts; theology; philosophy; Paul Tillich; correlation method.

INTRODUÇÃO

A teologia de Paul Tillich pode oferecer interessante aporte teórico para a teologia desenvolvida no Brasil, em especial para a teologia pentecostal, carente de uma melhor sistematização e abertura dialogal. Convém destacar, que teólogos pentecostais atuantes no contexto norte-americano, tais como, Amos Yong, Frank Macchia e Nimi Wariboko já têm feito notáveis trabalhos nesta direção; promovendo fecundos diálogos entre a teologia pentecostal e Tillich.² Desta forma, criativamente, desenvolvem uma teologia pentecostal que valoriza suas raízes experienciais, mas com abertura interdisciplinar, levando em conta as consequências públicas da teologia pentecostal. Diante desta realidade acima descrita, e também de algumas desconfiças em relação ao “teólogo da cultura”, esse presente texto quer servir de introdução às ideias fundamentais de Tillich, a fim de abrir um caminho de promissor diálogo e aprendizado.

² Cf. MACCHIA, Frank D. *Baptized in the Spirit: a global pentecostal theology*. Grand Rapids: Zondervan, 2006. WARIBOKO, Nimi. *The pentecostal principle: ethical methodology in new Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 2012. YONG, Amos. *In the days of Caesar: pentecostalism and political theology*. Grand Rapids: Eerdmans, Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series, 2010.

1 FILOSOFIA E TEOLOGIA NO SISTEMA DE PAUL TILLICH

Paul Tillich sempre estudou e se ocupou simultaneamente com a filosofia e a teologia.³ Sempre foram para ele saberes em diálogo e correlacionados. De Tillich pode-se dizer que ele foi “um teólogo entre os filósofos e um filósofo entre os teólogos”.⁴ Segundo ele a filosofia suscita as questões que a teologia responde, há, portanto, uma necessária correlação entre ambas.⁵ Tillich faz a distinção entre dois tipos de teologia: a teologia filosófica e a teologia querigmática. Embora as duas formas se baseiem no querigma (mensagem cristã), a primeira alternativa explica o querigma em estreita relação com a filosofia, enquanto que a segunda não faz nenhuma referência a ela, desconsiderando-a pratica-

³ A base filosófica e teológica de Tillich é muito ampla, o que explica em parte a complexidade do seu pensamento. Ele é considerado teólogo, bem como um filósofo na tradição agostiniana, e, portanto, situado na tradição platônica cristã contra o tomismo e o aristotelismo. Outras influências teológicas e filosóficas são: Platão, Plotino, Agostinho, Lutero, Eckhart, Böhme, Schelling, Kant Hegel, o jovem Marx, Nietzsche, Freud e o existencialismo, especialmente de Kierkegaard, Sartre e Heidegger. Cf. PAUCK, Wilhelm. The sources of Paul Tillich's richness. In: BRAUER, Jerald C. Paul Tillich, the future of religions. New York: Harper & Row, p. 23-30, 1966. p. 25-26. Ver também: MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 114.

⁴ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século XX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 138. Paul Johannes Oskar Tillich nasceu na Prússia em 1886. Ele tornou-se um Doutor em Filosofia em 1911 e obteve o mais alto grau acadêmico disponível em teologia em 1912. Seu labor teológico na Alemanha foi até 1933, quando ele foi demitido por causa de sua oposição às ideias do Nacional Socialismo (nazismo). Depois Tillich se mudou para os Estados Unidos, a fim de trabalhar no Union Theological Seminary em Nova Iorque (1933-1955). De 1955 a 1962 atuou como docente na reconhecida Universidade de Harvard. Já aposentado, Tillich foi convidado para trabalhar na Universidade de Chicago. Tillich faleceu em 1965, deixando uma profícua e criativa obra. Para maiores informações quanto à sua vida e obra, confira: MUELLER, Enio Ronald. Paul Tillich: vida e obra. In: MUELLER, Enio R.; BEIMS, Robert W. (Orgs). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. Sinodal: 2005. p. 11-39. Ver também: MONDIN, 2003, p. 103-114.

⁵ Cf. TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 77-78.

mente por inteiro. O teólogo Karl Barth, segundo Tillich é o grande representante dessa teologia querigmática avessa à filosofia.⁶ Tillich o critica ao dizer que: “Nunca existiu qualquer tipo de teologia querigmática que não tenha usado termos e métodos filosóficos. Tampouco existiu qualquer tipo de teologia filosófica merecedora do nome ‘teologia’ que não procurasse explicar o conteúdo da mensagem”.⁷ Para o teólogo da correlação, tanto a filosofia como a teologia “tornam-se mais pobres e deformadas quando se separam uma da outra”.⁸ A filosofia transforma-se em mero positivismo lógico, limitada à epistemologia. Ou, se transforma em filosofia da história. Conseqüentemente, foge das realidades do seu tempo, retira a paixão do pensamento que busca pela verdade e incorre em cinismo com perda de sua base existencial.⁹ Semelhantemente, a teologia separada da preocupação filosófica, empobrece-se e, assim, passa a discorrer sobre a realidade divina como se fosse “mero ser entre outros, sujeito às estruturas do ser como qualquer outro ser”.¹⁰ Esta teologia que não dialoga com a filosofia (ontologia), tem dificuldade para compreender a relação existente entre o ser humano, a natureza e o mundo.¹¹

De acordo com Tillich a filosofia se ocupa necessariamente com a questão da realidade vista como um todo; ocupa-se com a questão da estrutura do ser. Também a teologia tem por objetivo a questão da estrutura do ser.¹² Neste sentido, a teologia e a filosofia convergem. Nem o teólogo, nem o filósofo pode evitar a questão ontológica.¹³ Embora a filosofia e a teologia estejam de acordo em relação à estrutura do ser, de fato, lidam

⁶ TILLICH, 2005, p. 22.

⁷ TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992. p. 112.

⁸ TILLICH, 1992, p. 116.

⁹ Cf. TILLICH, 1992, p. 116-117.

¹⁰ TILLICH, 1992, p. 117.

¹¹ TILLICH, 1992, p. 117.

¹² Cf. TILLICH, 2005, p. 37-38.

¹³ TILLICH, 2005, p. 38.

com essa realidade de diferentes perspectivas. Enquanto que, a filosofia faz a pergunta sobre a estrutura do ser em si mesmo, a teologia lida com o significado (sentido) do ser. Nas palavras de Tillich: “Queremos conhecer o significado do ser porque somos humanos e não apenas sujeitos epistemológicos [...] O significado do ser é nossa preocupação básica; é a questão realmente humana e filosófica”.¹⁴

Com esta afirmação se chega ao ponto fundamental da filosofia e teologia, isto é, perguntar pelo ser na medida em que se apresenta como a preocupação última. Sendo assim, há duas formas de abordar a preocupação última. Ela pode ser considerada como um evento ao lado de outros eventos, e, assim, pode ser tratado de maneira objetiva; ou, pode ser compreendido como um evento em que aquele que o considera é existencialmente envolvido. No primeiro caso se tem o filósofo; no segundo aparece o teólogo, comprometido existencialmente com o ser.¹⁵ A teologia deve unir as duas dimensões, ou seja, a existencial e a metodológica. Portanto, a teologia na perspectiva de Tillich é a interpretação existencial e metódica da preocupação última. Conceitos verdadeiramente teológicos, por conseguinte, são aqueles que lidam com uma realidade na medida em que ela está relacionada com uma preocupação última.¹⁶

Assim, pode-se observar que o primeiro ponto de divergência entre o filósofo e o teólogo encontra-se em sua atitude cognitiva frente à realidade. O filósofo procura manter uma objetividade em relação ao ser.¹⁷ “Ele tenta excluir condições pessoais, sociais e históricas que possam distorcer uma visão objetiva da realidade”.¹⁸ O teólogo, ao contrário, se vê envolvi-

¹⁴ TILLICH, 1992, p. 115.

¹⁵ TILLICH, 1992, p. 116.

¹⁶ TILLICH, 2005, p. 30.

¹⁷ TILLICH, 2005, p. 39.

¹⁸ TILLICH, 2005, p. 39.

do de modo apaixonado com a realidade. “Ele olha para seu objeto (que transcende o caráter de objeto) com paixão, temor e amor”.¹⁹ Outro ponto de divergência entre o filósofo e o teólogo é a diferença das suas fontes. O filósofo observa toda a realidade e procura descobrir dentro dela a estrutura da realidade. Ele assume que há uma identidade entre os diversos aspectos da realidade como um todo; há uma analogia entre razão objetiva e subjetiva, entre a estrutura do *logos* na mente humana e o *logos* da realidade.²⁰ Dessa forma, observa Tillich a respeito da atitude filosófica: “Não há um lugar especial onde descobrir a estrutura do ser; não há um lugar privilegiado onde descobrir as categorias da existência”.²¹ O teólogo, por outro lado, encontra a fonte do seu conhecimento não no âmbito universal, mas no *logos* “que se fez carne”. O meio através do qual recebe o conhecimento do *logos* não é a racionalidade comum, mas a Igreja.²²

O terceiro ponto de divergência que Tillich encontra entre filosofia e teologia é a diferença em seu conteúdo. O filósofo trata com as categorias do ser em relação com o material estruturada por elas, enquanto o teólogo aborda as mesmas categorias e as relaciona com a busca pelo “Novo Ser”.²³ O filósofo lida com a causalidade, tal como aparece na física, enquanto o teólogo discute a causalidade em relação a uma causa primeira, isto é, o fundamento da série total de causas e efeitos. O filósofo analisa o

¹⁹ TILLICH, 2005, p. 39.

²⁰ TILLICH, 2005, p. 40.

²¹ TILLICH, 2005, p. 40.

²² TILLICH, 2005, p. 40.

²³ TILLICH, 2005, p. 40-41. As diferenças descritas por Tillich, entre a atitude do teólogo e a do filósofo são criticadas por Gross. Segundo ele: “Esta apresentação das distinções manifesta um caráter fortemente esquemático, difícil de sustentar enquanto distinções reais. No máximo talvez se pudesse falar em graus de objetividade diferente, mas isso enquanto postura, não enquanto diferença na situação existencial diante do seu objeto de reflexão – pelo menos a partir de uma perspectiva moderna tardia, pós-heideggeriana”. GROSS, Eduardo. Método da correlação e hermêutica. In: Revista Eletrônica Correlatio, n. 16, dez., p. 56-73, 2009. p. 69.

tempo biológico ou histórico e discute sobre o espaço astronômico, bem como o microcômico, mas o teólogo lida com o tempo em relação à eternidade e o espaço em relação ao exílio existencial do ser humano. Ainda: “Relaciona as estruturas da vida com o fundamento criativo da vida e as estruturas do espírito como Espírito divino”.²⁴

A conclusão de Tillich da dualidade entre a relação de teologia e filosofia é a seguinte: “não há conflito, nem síntese entre teologia e filosofia”.²⁵ Isto porque o conflito pressupõe um fundamento em comum sobre o qual se possa contender. “Mas não existe uma base comum entre teologia e filosofia”.²⁶ Dessa forma, como afirma Roos:

A base sobre a qual se constrói o discurso filosófico é a análise da estrutura ontológica do ser. Se o/a teólogo/a quer discutir a questão do ser em si com um/a filósofo/a, ele/a terá que fazê-lo somente em nome da razão universal, e deste modo, a discussão permanecerá no plano filosófico.²⁷

Assim, para se discutir filosofia o teólogo deve assumir premissas filosóficas, semelhantemente, o filósofo para discutir teologia deve assumir premissas teológicas. Filosofia e teologia não são inteiramente separadas, mas também não é a mesma coisa. Segundo Tillich: “O teólogo não tem o direito de argumentar a favor de uma opinião filosófica em nome de sua preocupação última ou à base do círculo teológico. Ele está obrigado a argumentar a favor de uma decisão filosófica em nome do *logos* universal e do lugar que não é lugar: a razão pura”.²⁸ Como observa Roos, a conhecida Teologia Sistemática de Tillich é de fato

²⁴ TILLICH, 2005, p. 41.

²⁵ TILLICH, 2005, p. 43.

²⁶ TILLICH 2005, p. 42.

²⁷ ROOS, Jonas. A relação entre teologia e filosofia no pensamento de Paul Tillich. In: MUELLER, Enio R.; BEIMS, Robert W. (Orgs). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, p. 145-159, 2005. p. 157.

²⁸ TILLICH, 2005, p. 43.

“uma grande correlação entre filosofia e teologia”.²⁹ Certamente, um bom exemplo de interface entre filosofia e teologia, segundo entendia o próprio Tillich.

A compreensão de Tillich da teologia filosófica, portanto, rejeita uma concepção estritamente conflitiosa que incorre em qualquer tipo de supranaturalismo teológico ou em filosofia positivista. Na medida em que a teologia não pode oferecer respostas sem uma acurada análise filosófica da situação humana, a mesma é dependente da filosofia. Por outro lado, a filosofia é igualmente dependente da teologia, porque a sua tarefa na busca da estrutura do ser descobre uma questão que abordagens filosóficas não podem responder. Logo, há para Tillich uma interdependência mútua entre filosofia e teologia.

2 O MÉTODO DE CORRELAÇÃO

De acordo com Tillich “a teologia sistemática usa o método de correlação”.³⁰ Assim, “explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas em interdependência mútua”.³¹ O divino e o humano são correlacionados nesta perspectiva e devem ser considerados conjuntamente no método teológico. Segundo Gross, o método da correlação é caracterizado primeiramente por *relação*. Isto implica que não se trata de discursos paralelos ou de realidades paralelas. A realidade divina não está num outro mundo, mas no próprio mundo da humanidade.³² Ainda mais: “não se trata só de uma relação,

²⁹ ROOS, Jonas. A relação entre teologia e filosofia no pensamento de Paul Tillich. In: MUELLER; BEIMS, 2005, p. 159.

³⁰ TILLICH, 2005, p. 74.

³¹ TILLICH, 2005, p. 74.

³² GROSS, 2009, p. 61.

mas de uma mútua relação”.³³ Para Gross, isso impede que o método da correlação seja entendido como uma mera forma de platonismo, ou seja, uma representação mitológica da realidade. “A realidade histórica não é só o reflexo de ideias eternas perfeitas já pré-estabelecidas. Ela também não é simplesmente resultado da ação de uma divindade caprichosa”.³⁴ O que constitui o mundo humano é a própria esfera da presença e ação do divino. Desse modo, conforme Gross: “O método da correlação propõe um trabalho teológico de exame de uma correlação que é pressuposta como constitutiva da própria realidade”.³⁵

Tillich ao comentar sobre o método faz uma discussão sobre alguns modos em que a correlação pode ser usada:

O termo “correlação” pode ser usado de três maneiras. Ele pode designar a correspondência de diferentes séries de dados, como em registros estatísticos. Pode designar a interdependência lógica de conceitos, como em relações polares, e pode designar a interdependência real de coisas ou eventos em conjuntos estruturais. Se este termo é usado na teologia, todos os três sentidos têm aplicações importantes. Há uma correlação no sentido de correspondência entre símbolos religiosos e aquilo que é simbolizado por eles. Há uma correlação no sentido lógico entre conceitos que denotam o humano e aqueles que denotam o divino. E há uma correlação no sentido fatural entre a preocupação última do ser humano e aquilo pelo que ele se preocupa de forma última.³⁶

Há correlação, portanto, primeiro, entre símbolo e simbolizado. Entre a realidade divina e os meios de sua expressão. Em segundo lugar há a correlação entre conceitos; um bom exemplo é o *logos* universal e o *logos* dentro da estrutura ontológica humana. Em terceiro lugar, é apresentada a correlação entre o *ultimate concern* (preocupa-

³³ GROSS, 2009, p. 61.

³⁴ GROSS, 2009, p. 62.

³⁵ GROSS, 2009, p. 62.

³⁶ TILLICH, 2005, p. 74-75.

ção última) do ser humano e a realidade pela qual ele se “preocupa de forma última”.³⁷

Tillich, a partir do método de correlação e de suas possíveis aplicações se mostra crítico de três métodos teológicos que considera inadequado. O primeiro método é o “supranaturalista” (neo-ortodoxia protestante), pois “interpreta a mensagem cristã como uma soma de verdades reveladas que caíram sobre a situação humana como corpos estranhos procedentes de um mundo estranho”.³⁸ Nesta perspectiva a Bíblia é considerada um “livro de oráculos” supranaturais “no qual a receptividade humana é completamente ignorada”.³⁹ Este método erra por prescindir das mediações entre o divino e o humano. Como Tillich escreve: “[...] Deus em sua automanifestação ao ser humano é dependente da forma em que o ser humano recebe sua manifestação”.⁴⁰ Segundo Mueller, em sua análise do conceito de teologia de Tillich, a mesma deve conter um ponto de vista concreto (contextual), associado à filosofia da religião, introdução da perspectiva individual no confessional, elementos da história geral da religião e por fim, considerar a história do espírito. Só então, se chegará a um sistema normativo da religião e/ou teológico.⁴¹ Portanto, a tarefa teológica, a partir desse método implica uma perspectiva interdisciplinar e dialógica.

³⁷ Neste último modo, se pode incorrer no dualismo da subjetividade da fé e o objeto distinto da fé. Contudo, como escreve Gross: “Não se trata, pois, meramente de uma relação entre sujeito e objeto, mas de uma mesma preocupação que se distingue em um aspecto subjetivo e outro objetivo. É também impossível dizer que se trate simplesmente da mesma coisa, à medida que uma é a apreensão desta preocupação, outra é seu fundamento”. GROSS, 2009, p. 64-65.

³⁸ TILLICH, 2005, p. 78.

³⁹ TILLICH, 2005, p. 79.

⁴⁰ TILLICH, 2005, p. 75.

⁴¹ MUELLER, Enio Ronald. O sistema teológico. In: MUELLER; BEIMS, 2005, p. 67.

O segundo método reprovado por Tillich é denominado de “naturalista” ou “humanista”. Seu equívoco consiste em derivar a “mensagem cristã do estado natural do ser humano”.⁴² Aqui, há uma exacerbação do humano na teologia, de modo a se tornar mera antropologia religiosa. Isto ocorre porque torna o próprio ser humano a resposta para seus dilemas existenciais, contudo, como disse Tillich, a “existência humana é a pergunta” e não a resposta, pois esta provém da revelação divina que “é dita ao ser humano, não pelo ser humano a si mesmo”.⁴³

O terceiro método a ser rejeitado é o dualista que defende uma subestrutura natural sobre o qual se coloca e se constrói a estrutura sobrenatural (método da escolástica católica). Este método tenta expressar um corpo doutrinário obtido através da “revelação natural”, ou, em outros termos “através de seus próprios esforços”.⁴⁴ Tillich, coerente com a tradição protestante rejeita essa posição. Diante disso, argumenta que o método de correlação reduz a teologia natural a uma análise da existência e reduz a teologia supranaturalista à respostas às perguntas implícitas na existência.⁴⁵

Tillich desenvolve seu método de correlação concretamente em cinco partes em sua Teologia Sistemática. Cada uma das cinco partes está baseada sobre a estrutura da existência (pergunta) em correlação com a estrutura da mensagem cristã (resposta). A correlação é feita de modo mais explícito na consideração da existência do ser humano em termos de alienação e da natureza essencial humana. As cinco partes são apresentadas por Tillich da seguinte maneira: “razão e revelação”, “ser

⁴² TILLICH, 2005, p. 79.

⁴³ TILLICH, 2005, p. 79.

⁴⁴ TILLICH, 2005, p. 79.

⁴⁵ TILLICH, 2005, p. 79.

e Deus”, “existência e o Cristo”, “vida e o Espírito”, e “história e o Reino de Deus”.⁴⁶ Na quarta seção, Tillich correlaciona a vida humana caracterizada por ambiguidades com a resposta divina que é o Espírito.

3 RAZÃO E REVELAÇÃO

De acordo Bullock, a participação do finito no infinito, do humano no divino, do *logos* concreto no *logos* universal, como defende Tillich, é que torna possível a revelação, abrindo o sentido de Deus para o ser humano.⁴⁷ Aqui, encontra-se a correlação da razão com a revelação no sistema teológico de Tillich. Sendo assim, Bullock suscita uma pertinente questão sobre isto: Como a razão pode acessar o sentido de Deus para o ser humano (apesar da participação no *logos* universal), pois se encontra debaixo das limitações e distorções no estado de alienação? Bullock diz que Tillich, de modo complexo, responde essa questão mediante dois termos: “a profundidade da razão” e o “êxtase da razão”.⁴⁸

Tillich não define explicitamente o conceito de profundidade da razão, mas ele sugere como sendo uma dimensão de profundidade que interliga o humano e o divino. Algo que precede a razão e que revela a mesma.⁴⁹ Assim, como Mondin comenta: “[...] a Revelação outra coisa não é que a *Profundidade da Razão*. A razão, portanto, é naturalmente aberta à Revelação, aliás, é correlata a ela, porque só a Revelação está em condições de dar uma resposta plenamente satisfatória às suas ques-

⁴⁶ TILlich, 2005, p. 80-81.

⁴⁷ BULLOCK, Vernon T. A critical examination of Paul Tillich’s doctrine of the Holy Spirit. Durham: Durham University, 1971. p. 11.

⁴⁸ BULLOCK, 1971, p. 11.

⁴⁹ BULLOCK, 1971, p. 11.

tões”.⁵⁰ Esta condição geralmente passa despercebida pela consciência humana por conta de seu estado de alienação existencial. Seu conhecimento nesse sentido é de caráter intuitivo e não algo diretamente objetivo, sendo, portanto, algo misterioso que se apresenta ao sujeito. Esta experiência tira o sujeito do cotidiano, por meio de certos fenômenos ou acontecimentos que podem ser chamados de “milagres”, ou mais precisamente sinais que originam os símbolos e mitos religiosos. Por intermédio destes misteriosos eventos o ser humano se torna intuitivamente consciente da presença divina e de sua união a essa realidade. Gibellini esclarece a questão ao afirmar: “A razão, quando não é apenas razão técnica, e sim razão ontológica que se interroga a respeito do ser, remete a algo que a transcende: na esfera cognitiva, à verdade em si; na esfera estética, à beleza em si; na esfera jurídica, à justiça em si; na esfera política, ao amor em si”.⁵¹ Assim, a mente humana é possuída por sua dimensão profunda; é transcendida de modo extático.

Para Tillich tanto o evento objetivo que evoca o numinoso, assim como a recepção humana devem estar presentes para que ocorra genuína revelação. Há, portanto, uma interdependência entre o aspecto objetivo (conteúdo) e o subjetivo (recepção). Ainda, segundo ele, toda autêntica experiência revelatória é devido à presença inspiradora do Espírito. É o Espírito que ativamente dirige a razão humana para além de si mesma, num estado de êxtase.⁵² Como explica Mueller a respeito do êxtase:

A revelação nos arranca de nós próprios levando-nos para fora de nós (*ek-stasis*, estar fora de si). Ali, *nos extra nos* (nós fora de nós, na linguagem dos reformadores) nossa existência reen-

⁵⁰ MONDIN, 2003, p. 118.

⁵¹ GIBELLINI, 2002, p. 95.

⁵² Cf. TILLICH, 2005, p. 124-127.

contra seu fundamento ao ser confrontada com ele no Novo Ser em Jesus como o Cristo, e dali retorna, ela própria, novo ser.⁵³

Este é o momento quando a revelação acontece; algo que pressupõe a fé,⁵⁴ esta é dom de Deus e resposta humana à graça que permite a participação no Novo Ser.⁵⁵ Para Tillich a fé não é mero consentimento a doutrinas, a “juízos de valor baseados em autoridade”, ou algo de caráter puramente sentimental, mas, sim é um estado que implica toda a pessoa.⁵⁶ “É um estado de ser possuído pela Presença Espiritual”.⁵⁷ Mondin disse: “A fé é essencialmente dom de Deus. Porém, contrariamente ao biblismo fideísta barthiano, que exclui da fé qualquer condicionamento humano e dela faz uma obra exclusivamente de Deus, Tillich afirma que ela não é possível sem a participação do homem”.⁵⁸

Para Tillich, convém destacar, mesmo que se priorize a revelação concreta na dimensão temporal como abertura do sentido para o ser humano, se deve dar a primazia final para a estrutura ontológica da razão que, torna possível a compreensão humana da revelação divina. Portanto, apesar da sequencia da revelação passar pela dimensão concreta, in-

⁵³ MUELLER, Enio Ronald. O sistema teológico. In: In: MUELLER; BEIMS, p. 67-95, 2005, p. 157.

⁵⁴ Para Tillich a fé tem três elementos: “primeiro, o elemento da abertura provocada pela Presença Espiritual; segundo, o elemento da aceitação do Espírito divino, apesar do abismo infinito entre o Espírito divino e o espírito humano; terceiro, o elemento da expectativa por uma participação final na unidade transcendente da vida-sem-ambiguidade”. TILLICH, 2005, p. 587-588.

⁵⁵ O critério final da revelação é o Novo Ser manifesto em Jesus. “Ele é o milagre da revelação final, e sua recepção é o êxtase da revelação final. [...] A revelação final é o critério de toda revelação que a precede ou sucede. É o critério de toda religião e de toda cultura, não só da cultura e da religião na qual e através da qual apareceu. É válido para a existência social de todo grupo humano e para a existência pessoal de todo indivíduo humano. É válido para a humanidade como tal”. TILLICH, 2005, p. 147-148.

⁵⁶ TILLICH, 2005, p. 586-588.

⁵⁷ TILLICH, 2005, p. 585.

⁵⁸ MONDIN, 2003, p. 119.

cluindo a revelação final em Jesus como o Cristo, está em primeiro lugar, essa revelação ontológica mais profunda proporcionada pelo *logos* universal presente na mente humana. Isso é necessário, porque como observa Dourley:

Se o divino não estivesse latente na razão humana e, na verdade, além dela, a revelação seria em princípio heterônoma e grave insulto às estruturas da mente e à dignidade de sua autonomia. O Deus da revelação estaria, portanto, violando as estruturas da mente e da realidade que ele mesmo criara. Mas quando a divindade aproxima-se da mente a partir de sua profundidade inata, a heteronomia transforma-se em teonomia e a revelação desvela ao mesmo tempo a profundidade divina da razão humana na qual ela se dá em relação com o outro enquanto manifestação externa dessa mesma profundidade.⁵⁹

Portanto, a revelação é possível por esse princípio de identidade e participação mística da razão humana em sua profundidade inata.⁶⁰ Isso significa que, a revelação é teônoma e, como tal supera a autonomia da razão, bem como a heteronomia. Nesse sentido, parece difícil conciliar esse tipo de pensamento com o pensamento cristão ortodoxo, que recusa subordinar a mensagem do Evangelho a uma doutrina de revelação universal com base na coincidência da razão (*logos*) divina e humana, mas enfatiza a primazia e o caráter final da revelação de Deus em Cristo.

⁵⁹ DOURLEY, John. Tillich, Jung e a situação religiosa atual. In: Revista Eletrônica Correlatio, n. 1, abr., p. 03-26, 2002. p. 11.

⁶⁰ Apesar dessa participação mística entre o divino e o humano, para Tillich a revelação precisa de mediações. O principal meio é a palavra. Segundo Tillich, o termo “Palavra de Deus” possui seis sentidos diferentes. Palavra de Deus como princípio da automanifestação divina no próprio fundamento do ser. Segundo, a Palavra é o meio da criação; terceiro, a Palavra é a manifestação divina na história da revelação. É a palavra recebida pelos seres humanos; quarto, a Palavra é a manifestação de Jesus como o Cristo e finalmente, chama-se de Palavra de Deus a mensagem da igreja tal como esta a proclama em sua pregação e ensino. Cf. TILLICH, 2005, p. 136; 166-169.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos alguns dos principais pontos da teologia de Paul Tillich. Seu pensamento complexo e interdisciplinar procurou valorizar a mensagem cristã, bem como a realidade cultural, política e religiosa de sua época. Tillich empenhou-se admiravelmente em tornar o cristianismo razoável para o ser humano em processo crescente de secularização e, deste modo, de perda da dimensão profunda da existência. Assim, desenvolveu o que denominou de método da correlação. Para alguns, esse empreendimento desfigurou as bases da teologia cristã, mas, para outros, Tillich desenvolveu um método genial que deixou profundas marcas na teologia e filosofia da religião no século XX. Portanto, alguém que não se deve desconsiderar rapidamente, sem acurada análise.

REFERÊNCIAS

- BULLOCK, Vernon T. A critical examination of Paul Tillich's doctrine of the Holy Spirit. Durham: Durham University, 1971.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século XX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- GROSS, Eduardo. Método da correlação e hermêutica. In: Revista Eletrônica Correlatio, n. 16, dez., p. 56-73, 2009.
- HALME, Lasse. *The polarity dynamics and form: the basic tension in Paul Tillich's thinking*. Doctoral Dissertation. Helsinki: University of Helsinki, Faculty of Theology, Department of Systematic Theology, 2002.
- HORDERN, William. *Teologia protestante ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: JUERP, 1974.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica, 2003.
- NEWPORT, John P. *Makers of the modern theological mind: Paul Tillich*. Waco: Word Books, 1984.
- PAUCK, Wilhelm. The sources of Paul Tillich's richness. In: BRAUER, Jerald C. Paul Tillich, the future of religions. New York: Harper & Row, p. 23-30, 1966.
- PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. *Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: IEPG/EST, 2008.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Paul Tillich e a compreensão do fenômeno religioso pentecostal. In: Revista Eletrônica Correlatio, v. 12, n. 24, dez. 2013.
- ROOS, Jonas. A relação entre teologia e filosofia no pensamento de Paul Tillich. In: MUELLER, Enio R.; BEIMS, Robert W. (Orgs). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, p. 145-159, 2005.
- STEPHENSON, Christopher A. Symbol, sacrament, and spirit(s): Paul Tillich in recent pentecostal theology. In: Bulletin of the North American Paul Tillich Society, v. 35, 2, Spring, 2009.

TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

_____. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, p. 09-31, 2009.

_____. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.